



RESENHA

Autismo: um novo olhar ou a validação de diferentes perspectivas?

Autism: a new perspective or the validation of different viewpoints?

Autismo: ¿una nueva mirada o la validación de diferentes perspectivas?

Emellyne Lima de Medeiros Dias Lemos
 Lívia Braga de Sá Costa

RESUMO

Esta resenha dedica-se à análise crítica do livro "Humano à sua maneira: um novo olhar sobre o autismo", escrito por Barry Prizant e Tom Fields-Meyer. O autor principal é reconhecido como um dos mais inovadores especialistas no campo do autismo, tendo sua obra sido traduzida para 22 idiomas. A obra é instigante e abarca uma grande variedade de pautas que permeiam as trajetórias das pessoas que convivem com o autismo. A abordagem valoriza a sobreposição do humano em relação ao uso de técnicas, os instintos dos profissionais em detrimento de suas titulações e a autorrepresentação dos autistas sobre as suas vivências. São descritas situações cotidianas que, mais do que respostas sobre como lidar, inspiram o leitor a enxergar a pessoa por trás do autismo e a agir em consonância com seus instintos e valores para, assim, construir uma vida plena e repleta de significados. Com efeito, apesar de trazer uma visão humanizada acerca do fenômeno, argumenta-se que ela não difere do que outras abordagens também preconizam, fato que oportuniza uma reflexão sobre a abertura para a legitimação de outras perspectivas teóricas no tocante às práticas dirigidas ao autismo.

Palavras-chave: autismo; abordagem; psicologia; educação.

ABSTRACT

This review is dedicated to the critical analysis of the book "Uniquely Human: A Different Way of Seeing Autism", written by Barry Prizant and Tom Fields-Meyer. The lead author is recognized as one of the most innovative experts in the field of autism, with his work translated into 22 languages. The book is thought-provoking and covers a wide range of topics that permeate the experiences of people living with autism. The approach emphasizes the human element over the use of techniques, professionals' instincts over their titles, and the self-representation of autistic individuals regarding their experiences. Everyday situations are described, which, rather than offering solutions on how to deal with

autism, inspire the reader to see the person behind the condition and act in alignment with their instincts and values to build a fulfilling and meaningful life. While the book presents a humanized perspective on the phenomenon, it is argued that this view does not differ significantly from other approaches, leading to reflections on the need to embrace the legitimacy of various theoretical perspectives concerning autism-related practices

Keywords: autism; approach; psychology; education.

RESUMEN

Esta reseña está dedicada a un análisis crítico del libro "Seres humanos únicos: una manera diferente de ver el autismo", escrito por Barry Prizant y Tom Fields-Meyer. El autor principal es reconocido como uno de los expertos más innovadores en el campo del autismo, teniendo su obra traducida a 22 idiomas. La obra es incitante y abarca una amplia gama de temas que impregnán las trayectorias de las personas que viven con autismo. El enfoque valora la superposición de lo humano sobre el uso de técnicas, los instintos de los profesionales en detrimento de su cualificación y de la autorrepresentación de los autistas sobre sus experiencias. Se describen situaciones cotidianas que, más que respuestas sobre cómo afrontarlas, inspiran al lector a ver a la persona que hay detrás del autismo y a actuar de acuerdo con sus instintos y valores para, así, construir una vida plena y repleta de significados. En efecto, a pesar de aportar una visión humanizada del fenómeno, se argumenta que no difiere de lo que también defienden otros enfoques, un hecho que brinda la oportunidad de reflexionar sobre la legitimación de otras perspectivas relacionadas a las prácticas dirigidas al autismo.

Palabras-clave: autismo; enfoque; psicología; educación.

O livro intitulado *Humano à sua maneira: um novo olhar sobre o autismo* (2023), escrito pelo Doutor Barry Prizant e por Tom Fields-Meyer, foi eleito o melhor livro sobre Transtorno do Espectro Autista pela Sociedade Americana de Autismo. Reconhecido pela comunidade médica como um dos mais inovadores especialistas na área, Dr. Prizant é professor universitário, pesquisador, palestrante, autor de quatro livros e de 140 artigos, coautor do modelo SCERTS e co-produtor do *Uniquely Human - The Podcast*. Por sua atuação, recebeu premiações e conquistou o respeito e a confiança de toda a comunidade autista.

O livro apresenta uma linguagem acessível para o público geral, sendo dividido em três partes: I) COMPREENDER O AUTISMO; II) A VIDA NO ESPECTRO DO AUTISMO; e III) O FUTURO DO AUTISMO. Ele aborda exemplos de situações cotidianas que, mais do que respostas prontas sobre como lidar com o autismo, inspiram o leitor a enxergar a pessoa por trás dele e a agir em consonância com seus instintos, valores e suas crenças para, assim, construir uma vida saudável, plena e repleta de significados. Ao longo de sua

trajetória profissional com autistas, suas famílias e terapeutas, Dr. Prizant sempre buscou “ajudá-los a transformar o desespero em esperança, a substituir a ansiedade pelo conhecimento, a transformar a dúvida em autoconfiança e tranquilidade e a ver como possível o que antes lhes parecia impossível” (2023, p.21).

Posto isto, esta resenha aborda o conteúdo do livro tanto em uma linha descritiva como em uma linha crítica. A primeira, com o intuito de oferecer ao leitor informações que instiguem o conhecimento mais aprofundado sobre a obra; a segunda, com vistas a oportunizar a reflexão sobre pautas relevantes para a comunidade autista e a provocar tensionamentos que mobilizem a produção do conhecimento.

Na primeira parte, são apresentadas as características do autismo não a partir de critérios diagnósticos, mas de narrativas de histórias reais envolvendo autistas, suas famílias e profissionais de diferentes áreas. Dr. Prizant aborda o autismo como uma deficiência de confiança (no próprio corpo, no mundo ao redor e nas pessoas) e afirma que as emoções mais frequentes dos autistas estão relacionadas à ansiedade, ao medo e à insegurança, o que os fazem experimentar constantes estados de vigilância. O intuito do autor é favorecer a concepção de que os autistas são pessoas a serem compreendidas e não um problema a ser resolvido. Ele defende a autorrepresentação dos autistas, cujos comportamentos possam ser entendidos, não como mera categorização, mas como estratégias de autorregulação.

A esse respeito, são abordadas a ecolalia, as obsessões e os interesses restritos que, ao serem colocados sob a lente dos sentidos e significados que eles assumem para a pessoa autista e, por meio da intencionalidade e do respeito daqueles que com ela interagem, tornam-se verdadeiras oportunidades de estabelecimento de vínculos de confiança. Nesse sentido, o autor salienta o papel da escuta e da confiança tanto em relação ao trabalho em equipe como ao próprio autista e a sua família e sugere cinco ações que podem ajudar a estabelecer relações de confiança com os autistas: 1) Reconhecer as tentativas de comunicação; 2) Partilhar o controle para construir a autodeterminação; 3) Reconhecer o estado emocional do indivíduo; 4) Mostrar-se digno de confiança e se expressar com clareza; e 5) Comemorar os sucessos.

Frente às informações sobre a compreensão do autismo, o autor finda a primeira parte com os capítulos intitulados *Memória Emocional* e *Compreensão Social*. Em resumo, eles versam sobre o impacto das memórias emocionais positivas e negativas e sobre o principal foco da comunidade de autistas que se autorrepresentam, que é viver de acordo com seu eu autêntico. Sob esse prisma, ele indica que as práticas que forçam o autista a fazer alguma coisa, violam sua confiança e potencializam o medo e a ansiedade.

Na segunda parte do livro, o autor abre a seção com o que considera primordial, o “fator x”, e discorre a respeito dos atores que protagonizam diferentes vivências no espectro, quais sejam: auxiliares de sala, professores, diretores de escola, pais, irmãos e, logicamente, a própria pessoa autista. No cerne desta seção, o autor indica que as pessoas que têm esse fator partilham características e instintos que se sobrepõem a titulações profissionais e são capazes de estabelecer conexões positivas com a pessoa autista, de lerem os seus sinais e de intervirem de forma criativa, assertiva e eficaz. Essas pessoas demonstram empatia, humildade, flexibilidade, bom humor, confiança, partilha de controle e disposição para aprender. Segundo Dr. Prizant, muitas vezes, as coisas mais simples fazem a diferença e concorrem para a serenidade, a felicidade, a motivação e o engajamento do autista.

Nesta direção, o autor valora as experiências dos pais e irmãos, dá relevo às esperanças e sonhos deles, aponta para a necessidade de estabelecimento de prioridades e para a participação em comunidades autistas e em rodas de conversa com outros pais. Tais aspectos são ilustrados no seguinte trecho:

Os que criam um filho autista, cuidam de uma criança autista ou partilham a vida com um parceiro autista podem obter informações, conselho e força junto a diversas fontes: terapeutas, médicos, educadores, livros e sites. Minha experiência, no entanto, me diz que a sabedoria mais valiosa, mais útil e mais poderosa é a que vem de outros pais e mães que já percorreram esse caminho (Prizant; Fields-Meyer, 2023, p. 176).

Sob essa perspectiva, é retratada a importância da fé, do bom humor, da expressão de sentimentos, da boa relação com os profissionais - cuja colaboração e cujo reconhecimento dos avanços sejam mais proeminentes do que as queixas - e, sobretudo, do respeito às particularidades de cada cultura e

de cada cultura familiar, de forma que seja comum a atenção à saúde emocional de todos os envolvidos.

Na terceira parte do livro, o autor explana pontos como: a revelação do diagnóstico; o sucesso escolar; a compreensão do autismo como identidade; a noção de interseccionalidade; as premissas da comunidade neurodiversa; os efeitos residuais de terapias lesivas; a diversidade de gênero; o autismo em mulheres e em mulheres negras e sua subnotificação em virtude de vieses culturais; os desafios enfrentados pelos pais que são autistas; a representatividade dos autistas não falantes por meio de comunicação alternativa, e os efeitos nefastos das experiências com o *bullying*, a depressão, o *burnout* autista, o abuso de substâncias e os problemas de autoestima.

Ao tratar do futuro do autismo, Dr. Prizant menciona como o autismo vem deixando de ser visto como algo a ser ocultado e que essa evolução ocorreu, em grande medida, pelo protagonismo de autistas ao trabalharem, sistematicamente, na ressignificação do modo como eles veem a si mesmos. Isso posto, muitos autistas discordam da adoção termo “pessoa com autismo” e expressam a preferência por serem chamados de autistas. O referido autor presenteia o leitor com inúmeros nomes de autistas que desenvolvem trabalhos na área, não apenas na veiculação de informação, mas no desempenho de atividades voltadas para outros autistas e suas famílias. São comuns a essas histórias a menção às mães como símbolo de persistência e resistência, muitas delas dedicando-se exclusivamente ao filho, após prognósticos desesperançosos emitidos por médicos.

Considerando os aspectos abordados, percebe-se que vários temas são referentes ao passado, ao presente e ao futuro do autismo, com variações e desdobramentos múltiplos a depender de cada história de vida. Fica evidente que a obra aborda o autismo a partir dos seus pontos fortes e da possibilidade de superação dos desafios. Ao propor a substituição do medo pela confiança, o autor traz uma concepção sobre a vivência no espectro menos negativa, mais amorosa, inspiradora e feliz. Por fim, são apresentadas 15 perguntas frequentes sobre o tema, que são respondidas de maneira menos prescritiva e mais respeitosa, tendo como base uma concepção de desenvolvimento como algo vitalício e, em constante transformação, cuja existência de um programa que seja adequado para todos os autistas seria uma falácia.

Em seu conjunto, o livro é instigante e abarca uma variedade de pautas que permeiam as trajetórias das pessoas que, de alguma maneira, convivem com o autismo. Por meio de inúmeros relatos de casos, Dr. Prizant discorre generosamente sobre o que observou e as lições que aprendeu na convivência com autistas e neurodivergentes, sempre em busca do que fosse mais útil para apoiá-los. Nesse processo, ele valoriza as experiências dos autistas, dos seus pais, irmãos, professores, auxiliares de sala, diretores de escolas e médicos, sem qualquer hierarquização de saberes. É defendida, de maneira deliberada, a sobreposição do humano em relação à técnica; dos instintos dos profissionais em detrimento de suas titulações, e da autorrepresentação dos autistas sobre o porquê de seus comportamentos, ao invés de sua patologização.

Em vários trechos do livro, o autor principal faz duras críticas às terapias intensivas, geralmente apresentadas como “único e mais eficaz” meio de intervenção para o autismo, caracterizadas pelo excesso de horas de intervenções semanais e pela exigência por longos períodos de atendimento às diretrizes e obediência aos comandos. No bojo das abordagens comportamentais, o autor expõe que as principais metas são: o controle de comportamentos, a redução ou a eliminação de “comportamentos autistas” e indesejáveis e o treino de habilidades ou de comportamentos padronizados.

De modo complementar, Dr. Prizant indica que essa abordagem é falha e que, além de não funcionar, pode piorar a situação. Para ele, o entendimento dessa abordagem sobre os comportamentos dos autistas é errôneo, pois eles não são disfuncionais, aleatórios ou anormais. Por esse motivo, ele defende que é primordial buscar compreender o porquê dos comportamentos e entendê-los como comportamentos humanos que, por meio de apoio e de melhorias na comunicação e nas habilidades do cotidiano, é possível construir estratégias de enfrentamento que favoreçam a autodeterminação e a autoconfiança dos autistas.

À guisa de uma análise crítica da obra, é imperiosa a reflexão sobre os motivos pelos quais a literatura norte-americana baliza aquilo que deve, ou não, ser realizado na área do autismo. A obra traz, de fato, uma visão humanizada, mas que não difere do que muitos profissionais brasileiros militam em suas abordagens, psicológicas ou educacionais, ao longo de anos de atuação na área. O livro oferece um respaldo teórico e prático para aqueles que, em virtude

do discurso contemporâneo das Práticas Baseadas em Evidências (PBE), já não creditavam valor aquilo que era da ordem do intuitivo, da criação, do subjetivo, da arte e do “caso a caso”. Dito isso, sugere-se que, para compreender o discurso das práticas científicas dirigidas ao autismo, é preciso compreender qual a concepção de ciência embasa sua lógica. Ademais, pensar criticamente sobre o conceito de PBE e seus efeitos na Psicologia e na Educação, não é sinônimo de negacionismo tampouco acentua posturas dicotômicas, ao contrário, favorece a abertura para a pluralidade teórica, tão cara a esses campos.

Pode-se depreender que a obra vem compor uma frente que se contrapõe à realidade que está posta no tocante às práticas dirigidas ao autismo que, na lógica mercadológica de veiculação de informações, acaba potencializando o sofrimento dos autistas e de suas famílias (Bialer; Voltolini, 2022). Tal sofrimento pode ser identificado em profissionais, especialmente professores e psicólogos, que são levados a acreditar que suas abordagens não são eficazes. Ainda que o profissional e a família testemunhem os avanços da pessoa autista, ou que ela mesma goste do trabalho que vem sendo feito, eles vivem à sombra da dúvida se o melhor, de fato, está sendo oferecido face ao discurso científico vigente.

A concepção de desenvolvimento, de sujeito e a defesa de premissas como aceitação, autenticidade, plenitude, autoconfiança, autorrepresentação, autodeterminação, autoconsciência e autenticidade, oferecem certa aproximação com a Abordagem Centrada na Pessoa, conhecida como abordagem humanista (Rogers, 2009). Conforme Schultz e Schultz (2019), tal abordagem se contrapõe à psicanálise e ao comportamentalismo e, o fato da maioria dos psicólogos humanistas trabalharem em clínicas particulares e não em universidades, impactou negativamente sua difusão científica.

Sob esta ótica, abordagens contra-hegemônicas também apresentam aproximação com as proposições veiculadas no livro, a exemplo da Psicologia Histórico-cultural de Vigotski (Lemos; Nunes; Vasconcelos, 2023) ou, até mesmo, da Educação Popular com as ideias de Paulo Freire (Freire, 1999). Contudo, discorrer sobre tal conteúdo foge ao escopo desta resenha. Na direção de futuras pesquisas, o livro inspira o pesquisador ao aprofundamento em temas como: vivências entre irmãos (Lemos; Salomão, 2020), práticas “intuitivas” de

educadores e narrativas autorrepresentativas de autistas brasileiros de diferentes realidades socioeconômicas (Olivati; Leite, 2019).

Frente ao exposto, finda-se este trabalho com a abertura para a compreensão de que diferentes abordagens teóricas podem contribuir para o trabalho em prol dos autistas visto que, antes da técnica, há um ser humano como elemento essencial desse processo e essa concepção não seria exclusiva de uma única abordagem. Por isso, indica-se a leitura da obra e espera-se que ela não figure uma abordagem hegemônica travestida de um novo olhar, mas uma abertura efetiva para as contribuições de diferentes abordagens sobre o autismo.

Referências

- BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v.27, p.e45865, 2022. DOI 10.4025/psicoestud.v27i0.45865. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Gd3KgdZhpWFdTHrgbDRNr5S/>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- LEMOS, Emellyne; SALOMÃO, Nádia. **Convivendo em família**: tenho um irmão autista, vamos falar sobre isso? São Paulo: Mentes abertas, 2020. E-book 92p. DOI 10.47180/978-65-87069-45-6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348383667_Tenho_um_irmao_autista_vamos_falar_sobre_isso_CONVIVENDO_EM_FAMILIA. Acesso em: 30 ago. 2024.
- LEMOS, Emellyne; NUNES, Laísy; VASCONCELOS, Dalila. Práticas psicológicas, autismo e decolonização: a emergência de um diálogo. **Revista Interritórios**. Caruaru, v.9 , n.18 , p. e258801, 2023. DOI 10.51359/2525-7668.2023.258801. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritórios/article/view/258801> . Acesso em: 30 ago. 2024.
- OLIVATI, Ana Gabriela; LEITE, Lucia. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 729-746, 2019. DOI 10.1590/s1413-65382519000400012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/N3sgZJb7wNHpVHv7LYkGvwL/> . Acesso em: 30 ago. 2024.
- PRIZANT, Barry; FIELDS-MEYER, Tom. **Humano à sua maneira**: um novo olhar sobre autismo. São Paulo: Edipro, 2023.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 6 Ed. Tradução: Manuel J. Carmo Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. 11 Ed. **História da Psicologia Moderna**. Tradução: Priscilla Rodrigues Lopes. São Paulo: Cengage Learning 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13 Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Recebido em: 14/09/24

Aceito em: 26/08/25

Texto revisado por
Ana Carolina Lopes Costa
ccarolinalopes@yahoo.com.br

Emellyne Lima de Medeiros Dias Lemos

Doutora em Psicologia Social, Professora do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tem interesse no estudo de temas como: Processos de desenvolvimento e aprendizagem, interações sociais, contextos de desenvolvimento e educação, relações entre psicologia e educação, teoria histórico-cultural, educação inclusiva, autismo e metodologia de pesquisas com crianças.

 emellyne@gmail.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/5777620816563171>

 <https://orcid.org/0000-0003-1927-3132>

Lívia Braga de Sá Costa

Doutora em Psicologia Social, Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário (UNIESP). Possui interesse em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Psicologia da Educação, atuando principalmente nas seguintes áreas de pesquisa: socialização parental, resolução de conflito, autonomia e desenvolvimento social e moral.

 liviabsc@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3373284338096797>

 <https://orcid.org/0000-0002-9421-1145>